

Inundação vira rotina em hospital

CORREIO BRAZILIENSE

DF - Saúde

79 JUN 1996

Velho problema em uma conexão inunda a Emergência do Hospital de Base pela segunda vez em menos de uma semana

Fernanda Lambach
Da equipe do Correio

“**I**sso aqui tá ótimo pra quem vem de barco”. Essa foi a reação, ontem, às cinco horas da manhã, de Roberta Araújo, que acompanhava o acidentado Luiz Otávio Araújo, no Hospital de Base. Naquele momento, uma nova cascata de água, semelhante à de quinta-feira passada, inundou o posto 2 da Emergência do hospital.

O incidente está virando rotina na vida dos profissionais de Saúde, que tentam salvar remédios e pacientes das goteiras, densas e insistentes, que despençam do teto. O problema aconteceu na mesma conexão, de três polegadas (75 milímetros), que se rompeu, quinta-feira passada.

Domingo, as paredes foram pintadas. Dois dias depois, lá estavam

os bombeiros, furando a argamassa, de sete centímetros de espessura, para evitar que o teto desabasse sobre os pacientes.

Os médicos negam, mas as pacientes Maristela Batista Ferreira, 20 anos, e Maria Sueli Rodrigues, 21, garantem que ouviram uma criança gritar quando um pedaço de argamassa e um monte de água caíram, afirmam, sobre a criança. “Eu estava dormindo e acordei assombrada. Tinha água saindo pelas paredes, a torto e a direito”, diz Maristela.

A água que vaza pela tubulação fica acumulada entre o térreo e o primeiro andar do prédio. Quando o peso é excessivo, a argamassa cede e começa a “chover” dentro do pronto-socorro.

SERVIÇO MAL-FEITO

Segundo Severino de Assis, mestre-de-obras da PRS Con-

struções, empresa que inicia, até o final dessa semana, as obras de uma nova rede hidráulica no pronto-socorro, o reparo do encanador da Fundação Hospitalar do Distrito Federal foi mal-feito: “Quando ele instalou a nova peça de conexão, a qual entra atarrachando, deixou uma folga muito grande. A cada descarga dada na tubulação de água fria, o sistema sacode e a conexão, frouxa, chacoalha e bate inteira”.

O engenheiro da Fundação Hospitalar Ronaldo Bragança explica que a peça, apesar de nova, se rompeu em apenas quatro dias porque “o ponto está frágil e a cada dia que passa fica pior”.

HUMOR

O diretor do Hospital de Base, Elias Fernando Miziara, no entanto, pede a realização de uma perícia, até mesmo pelo Instituto de Criminalística. Ele já não agüenta mais ouvir falar na tubulação que inundou o pronto-socorro mais de cinco vezes. Miziara se exime de responsabilidade pelo trabalho dos engenheiros e pediu uma solução definiti-

va e imediata. “Já perdi a paciência, há muito tempo. Não podemos trabalhar com o risco de um cano estourar a cada cinco dias. Nossa equipe está desgastada e a comunidade de Brasília, prejudicada”, afirma.

Segundo piadinhas ouvidas pelos corredores, os funcionários passarão a trabalhar com equipamento de mergulho e os mais cavalheiros levarão as moças mais bonitas no colo, para que que elas não molhem os tornozelos.

Miziara, que ontem estava de mau-humor, convocou, às 10h, uma reunião, da qual participaram o secretário de Saúde, João de Abreu; o diretor-executivo da Fundação Hospitalar, Márcio Horta; engenheiros da Novacap, da PRS Construções e da própria Fundação. João de Abreu ficou apenas dez minutos na reunião, mas mostrou-se irritado e fez barulho antes de sair. “Ou consertam o problema ou saem”, ameaçou.

Enquanto engenheiros da Fundação Hospitalar dizem que o defeito da tubulação tem origem na obra, concluída em 1990, o diretor

de Edificações da Novacap, Antônio Moreira Campolina, avisa que qualquer construção feita naquele ano poderia aparecer com problemas desse tipo: “Qualquer obra, em qualquer tempo, está sujeita a ter problemas. Ainda mais num hospital, onde o uso freqüente provoca desgaste”.

Ele também se diz surpreso com o fato de o Hospital de Base não ter chamado técnicos da Novacap, com quem tem um contrato, na quinta-feira passada. “Se tivéssemos sido chamados, teríamos feito o trabalho com competência”, ironiza Campolina.

A diretora-substituta do Departamento de Engenharia e Transporte da Fundação Hospitalar, Kazumi Kuroda Silva, comprometeu-se a passar o dia de ontem dentro do hospital, para tentar resolver os problemas da rede hidráulica da Emergência. “Vamos colocar peças novas, pregar a tubulação com uma bridadeira e colocar suportes de ferro para apoiar os canos. O que vou fazer, hoje (ontem), é uma tentativa que pode dar certo”, diz Kazumi.